

**O REINO DE DEUS
ESTÁ EM VÓS**

Leon Tolstoi

**O REINO DE DEUS
ESTÁ EM VÓS**

Tradução de CEUNA PORTOCARRERO

Apresentação de FR. CLODOVIS BOFF

2ª EDIÇÃO



EDITORA
ROSADOS
TEMPOS

Breve nota acerca da versão digital

O motivo pelo qual empreendi este pequeno esforço foi a falta do mesmo texto em língua portuguesa à disposição na internet. Um texto em inglês pode ser encontrado na página do projeto Gutenberg, mas seria demasiado trabalhoso traduzi-lo.

A presente tradução é de Celina Portocarrero, o original é a tradução italiana, o que, por motivos óbvios, pode fazer com que o discurso perca sua riqueza original. Mas eu não sou russo, nem entendo russo, nem conheço quem traduza, então não posso reclamar... ;) A editora é a Rosa dos Tempos, e o meu exemplar é do ano de 1994.

Tentei manter o livro no mesmo formato na medida do possível, por exemplo, diminuindo a fonte e aumentando o parágrafo das citações que o autor faz ao longo do livro (como no texto que eu tenho). Durante a digitalização, houve um ou outro erro (como o programa de OCR ter corrigido a acentuação do português do Brasil para português de Portugal), mas eles não comprometem a leitura. Criei um “Apêndice” sobre digitalização de livros, no qual anexei o documento que me ensinou a digitalizar livros.

Na minha vida, “O Reino de Deus Está Em Vós” foi um dos mais importantes acontecimentos, e não vejo melhor forma de expressar minha gratidão a Tolstói do que tornando-o acessível. É cobrado um custo excessivo por ele, isto porque o livro já está em domínio público e qualquer um pode traduzi-lo (e cobrar caro pela tradução), sem contar que não é em toda livraria que pode-se encontrá-lo... Digitalizando e propagando o texto, sei que estou, ao menos, contribuindo, mesmo que minimamente, com a obra que Tolstói iniciou.

Quero agradecer também a Railton, do Coletivo Periferia (<http://www.geocities.com/projetoperiferia/>), por meio do qual eu vim a conhecer e me interessar por Tolstói e pelo anarquismo. Tenho que digitalizei esse livro especialmente para aqueles que acessam o site do Coletivo. ;)

É isso aí, o Reino de Deus está em vós!

Judas
(Matheus)
zadfreak@hotmail.com

VISITEM:

Coletivo Periferia - <http://www.geocities.com/projetoperiferia>

Cristãos anarquistas - <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=6038954>

Wikipédia - <http://pt.wikipedia.org/>

Centro de Mídia Independente - <http://www.midiaindependente.org/>

Viciados em Livros - [http://groups.google.com/group/Viciados em Livros](http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros)

Diretório Tolstói - <http://www.esnips.com/web/tolstoi>

Essa versão em PDF, com todo esse riffi de pular páginas, etc., como no livro, é só para os que preferem um formato mais similar... na internet lancei versões em “txt” e formato “rtf” editáveis, para que o livro se propague.

:D

SUMÁRIO

Breve nota acerca da versão digital: <i>Judas</i>	03
Apresentação: <i>Fr. Clodovis Boff</i>	05
Cronologia da vida de Tolstói	12
Prefácio	15
I — A doutrina da não-resistência ao mal com a violência tem sido ensinada pela minoria dos homens desde a origem do cristianismo.	16
II — Opiniões dos fiéis e dos livres-pensadores sobre a não-resistência ao mal com a violência.	28
III — O cristianismo malcompreendido pelos fiéis.	36
IV — O cristianismo malcompreendido pelos cientistas.	50
V — Contradições entre nossa vida e a consciência cristã.	60
VI — Os homens de nossa sociedade e a guerra.	70
VII — Significado do serviço militar obrigatório.	84
VIII — Aceitação inevitável pelos homens de nossa sociedade da doutrina da não-resistência ao mal.	92
IX — A aceitação do conceito cristão da vida preserva os homens dos males de nossa vida pagã.	101
X — Inutilidade da violência governamental para suprimir o mal — O progresso moral da humanidade realiza-se não apenas com o conhecimento da verdade, mas também com a formação da opinião pública.	110
XI — O conceito cristão da vida nasce em nossa sociedade e infalivelmente destrói a ordem de nossa vida calcada na violência.	120
XII — Conclusão. Fazei penitência, porque o reino de Deus está próximo, está a nossa porta.	126
Apêndice — Sobre digitalização de livros	160

APRESENTAÇÃO

Fr. Clodovis Boff

Esta obra importante e praticamente desconhecida entre nós pede uma apresentação. Pelo fato de fugir a toda sistematicidade, pareceu-nos oportuno evidenciar aqui sinteticamente suas linhas de força. E porque suas posições são absolutamente originais e radicais, achamos conveniente oferecer também alguns elementos de apreciação. E ainda, para atuar sua leitura, destacamos alguns pontos de contacto que ela oferece com nossa própria realidade religiosa e social.

O livro na vida e obra do autor

O livro que temos em mãos é, entre os ensaios, a obra-prima de Tolstoi. Pertence ao segundo período da vida do escritor, depois que ele passou por uma violenta crise espiritual quando completara os cinquenta anos (1878). Em seu livro, *Minha Confissão* (1882), conta que, cansado de seus mundanos êxitos literários (já havia publicado *Guerra e Paz* em 1868, e *Ana Karenina* em 1875 — romances que o fizeram, já em vida, mundialmente famoso), parte em busca da fé viva. Primeiro, entabula debates com os filósofos do tempo, e nada. Depois frequenta os teólogos. Estes também não lhe deram a luz desejada. Finalmente mete-se no meio do povo pobre.

Ai dá-se conta do que é na verdade a fé para aquela gente. Percebe que para os pobres a fé não é assunto de conversas inconseqüentes, mas uma questão vital. "Só a fé lhes dava possibilidade de viver." É isso que provoca sua conversão.

Depois disso, Tolstoi passa a se dedicar menos à literatura e mais ao gênero ensaístico. Entende sua tarefa de escritor como uma verdadeira missão religiosa. Já que não pode fazer mais, quer pelo menos pôr a pena a serviço de Deus. Escrever torna-se para ele, como afirma em seu Diário, uma "necessidade diante de Deus" (28/10/1895). Quando escreve, sente-se inspirado por Deus: "Teço a todos os meus amigos, vizinhos e distantes... que prestem atenção àquela parte de minha obra na qual, eu sei, falava através de mim a força de Deus — e a utilizem para a sua vida..." (Diário, 27/3/1895). Até o fim de sua longa vida (viveu 92 anos) só de ensaios produziu mais de duzentos títulos. Sua obra completa chega a noventa volumes nas "Edições de Jubileu" (Moscou, 1928-1958).

Pois bem, *O Reino de Deus Está em Vós* representa a obra máxima de Tolstoi. Em comparação dela, ao autor seus já famosos romances parecem-lhe obras menores. Em seu Diário, chega a declará-los "tolices" (6/12/1908), algo próximo a serviços de alcova; mais propriamente, conversa fiada de feirante para atrair fregueses com o objetivo de lhes vender depois outra coisa, bem diferente (Diário, 28/10/1895).

Foi a obra que lhe custou mais trabalho, como confessou ao fiel secretário Chertkov. Levou três anos para terminá-la (1890-1893), justamente no momento em que o escritor chegava ao cume de sua maturidade intelectual — 65 anos de idade. A dificuldade não era só a relevância e a originalidade do tema, mas também o fato de ter que andar por toda a parte organizando refeitórios populares para ajudar os pobres a vencer a terrível crise de 1891. Como se vê, Tolstoi era um escritor verdadeiramente comprometido com os humildes.

O destino desta obra foi singular. Imediatamente traduzida nas principais línguas européias, suscitou logo de início reações contraditórias: aplausos de um lado e espanto do outro.

Mas o leitor "que melhor aproveitou de suas lições foi Gandhi". Este leu o trabalho em inglês em 1894, um ano depois de sua publicação em russo. Caiu-lhe nas mãos de um modo absolutamente providencial. De fato, aquele que iria tornar-se o Mahatma encontrava-se então "numa grave crise de ceticismo e dúvida", como ele mesmo conta. Acreditava ainda no caminho da violência. Pois bem, "a leitura do livro — em suas palavras — me curou do ceticismo e fez de mim um firme seguidor da *ahimsa*". Passa então a usar o livro como seu *vademecum*. Levou-o consigo para a prisão em 1908 e deu-o de presente a vários parentes e amigos. Gandhi declarou que Tolstoi era o "maior apóstolo da não-violência" e o homem "mais autêntico de seu tempo".

Na Rússia o livro recebe uma dupla condenação: é vetado pelo regime czarista

e seu autor é excomungado pela igreja ortodoxa. É que no livro, como se verá, Tolstói recusa radicalmente as idéias mesmas de Estado e de Igreja, considerando estas duas instituições como essencialmente opressoras do povo.

Quanto à opinião pública internacional, depois das primeiras reações contrastantes, relegou aquela obra profética ao esquecimento. Isso durou até há pouco, quando Tolstói começa a ser redescoberto e difundido pelos diversos movimentos pacifistas. A edição que serviu de texto para a presente tradução brasileira é uma reprodução anastática da primeira edição (de 1894). Sai, portanto, quase cem anos depois. Uma reaparição tardia da obra traduzida do francês por Sofia Behr, esposa de Tolstói, e "autorizada pelo autor", feita na Itália, em 1988 foi, pela *contessa* Tânia Tolstói, acompanhada em sua reimpressão pela seguinte mensagem:

"Sou muito grata aos Editores e à organizadora, que se empenharam na reimpressão desta obra fundamental do pensamento de meu avô. Após tantos anos de esquecimento, poder-se-á de novo perceber a luz que emana deste livro. Espero que muitos o leiam e que esta leitura os ajude a viver nessa nossa época tão atormentada."

Entre nós, mais que de esquecimento, deveríamos falar mesmo de falta de conhecimento. O Tolstói que conhecemos é exclusivamente* o romancista, contista ou novelista, o primeiro Tolstói, que o Tolstói maduro, como vimos, menosprezava. O Tolstói ensaísta-profeta, que nos é mais necessário, é uma novidade nos trópicos.

Mas por que essa parte decisiva da obra de Tolstói foi posta de lado? É que o segundo Tolstói, por sua mensagem altamente profética, e em particular no livro em questão, mostrava-se incômodo para a mentalidade chamada "moderna", tanto de direita como de esquerda, tanto religiosa como laica. Seus questionamentos eram por demais fortes para o delicado e ao mesmo tempo autoconfiante espírito do tempo.

A tese central do livro

O que Tolstói sustenta em todo o livro é a validade social do preceito de Cristo no Sermão da Montanha: "Não resistais ao mal" (Mt 5,39). A frase se presta a ambiguidades. O sentido que Tolstói defende é: não resistais ao mal cogitativo ou seja, não respondais à violência com a violência. Este é o sentido exato. Tolstói não aceita a máxima jurídica comumente aceita: *vim vi repellere* (repelir violência com violência). Esta jamais pode ser legitimada apelando para o direito de "legítima defesa". Porque a violência é sempre um mal, e não se pode responder ao mal com o mal. E isso, para ele, vale tanto para o cristão como para um cidadão qualquer.

Por outro lado, para Tolstói, não se trata de permanecer passivo frente ao mal ou à violência, mas de responder a ela pela não-violência: a bondade, a mansidão e a caridade. Esta é a verdadeira resistência ao mal, segundo Tolstói. Efectivamente, o sentido de "não resistir" no Evangelho e no Novo Testamento em geral não é "não fazer nada", mas não revidar, não contra-atacar, não retaliar, enfim, não se vingar. Assim, o que se rechaça sem meias medidas é a lei do talião, o pagar com a mesma moeda, "olho por olho, dente por dente".

Tolstói leva extremamente a sério o preceito evangélico da não-violência. Levanta-se contra os que acreditam que a ordem de Cristo de "não-resistência ao mal" é algo de inexequível, especialmente do ponto de vista social; ou que é um piedoso exagero, carregado apenas de um valor simbólico. Não, para Tolstói, os preceitos do Sermão da Montanha, no caso a não-violência, são realmente imperativos. Mas atenção: não se trata de leis morais ou regras jurídicas fixas que devam ser aplicadas mecanicamente. Não, são antes indicações de um ideal, apelos éticos, "via de perfeição infinita", como ele se exprime. São exigências morais absolutas, que têm a força de pôr em movimento a relatividade do agir humano concreto. É verdade, tais preceitos têm um carácter assintótico: aproximam da perfeição divina ("sede perfeitos como o Pai do Céu é perfeito"), sem nunca chegar a atingi-la. Mas movem poderosamente a vontade naquela direção. Põem-na no caminho do divino. Para o profeta russo, tais preceitos não pertencem à esfera exclusiva da religião ou da fé cristã. Eles traduzem o dinamismo mais profundo do espírito humano. Manifestam a essência da alma humana, cuja lei básica é a "lei do amor". Mexem com o divino que está dentro de cada pessoa humana. Donde, como título do livro, a frase de Jesus: "O Reino de Deus está em vós" (Lc 17,21). Por isso essa doutrina vale para cada um e para toda

sociedade. A não-violência não diz respeito apenas ao cristão, mas sim a toda a pessoa em geral. É, portanto, uma lei que deve animar e governar toda sociedade humana, digna deste nome.

Para representar o caráter singular dos radicais preceitos evangélicos, Tolstoi usa a bela comparação do barqueiro, que, para chegar à outra margem de um rio rápido, não pode se dirigir em linha reta, mas deve remar contra a corrente.

A não-violência tolstoiana se exprime na não-cooperação, na desobediência civil e particularmente no repúdio ativo a toda a servilidade. Tolstoi sabe que o poder se alimenta da aceitação e do consenso. Pior: da obediência cega e da submissão. Contrapondo-se a isso, quer tirar ao poder o tapete debaixo dos pés, para que assim venha ao chão. A ética de Tolstoi é radicalmente libertária. Para ele, a liberdade é um atributo inalienável e definitivo do ser humano. Por isso, entre as frases que pôs no frontispício do livro, lemos esta de São Paulo: "Não vos torneis servos dos homens" (ICor 7,23).

Tolstoi não acredita nos efeitos libertadores de uma revolução violenta, mesmo de tipo popular. Considera-a, em primeiro lugar, politicamente inviável, levando-se em conta a complexidade e a potência do Estado moderno. Em segundo lugar, tem-na por ineficaz, pois instauraria necessariamente uma opressão mais cruel que a anterior. Por isso, se levanta conta os socialistas, comunistas e anarquistas de seu tempo por pretenderem mudar a sociedade sem se mudarem a si próprios. Ataca também sua concepção totalitária do Estado, segundo a qual a própria vida familiar e privada ficaria sob a vigilância da polícia estatal, vida essa que o sistema liberal vigente tinha pelo menos respeitado. Foi, na verdade, o que se verificou no regime de Goulag. Como se vê, Tolstoi não era apenas certo em suas percepções analíticas, mas também em suas intuições proféticas.

Seja como for, a história está dando razão a Tolstoi: o princípio ético da não-violência está se impondo cada vez mais em nossos dias. Nesse sentido pode-se afirmar, com o profeta russo, um amadurecimento da consciência moral da humanidade. Também porque a violência se mostra cada vez mais ineficaz para resolver os conflitos sociais, tanto no interno das nações como nas relações internacionais. Retomando uma distinção de TCant, é possível constatar certo progresso em termos de legalidade (no nível dos princípios), embora não necessariamente em termos da moralidade (no nível das práticas). Parece inegável que na consciência mundial emerge com força crescente uma sensibilidade ética em favor da não-violência. Também por razões práticas: frente à complexidade dos Estados e das sociedades modernas, a violência não funciona mais. Aquela que foi outrora definida como a "parteira da história" talvez não tenha outro destino, na consciência ética das sociedades modernas, que o de tantas parteiras tradicionais: a aposentadoria.

O antiestatismo radical de Tolstoi

A defesa intransigente da não-violência, em Tolstoi, vai junto com a deslegitimação absoluta do Estado, por ser uma instituição de violência.

No capítulo VII o escritor faz um processo em regra do sistema governamental. Volta sobre essa tese também em outros capítulos, como no VIII, no X e no XII, o último. Çfiri-a violência encarnada. E não só o Estado autocrático, como o czarista, mas todo Estado, inclusive o democrático. Nesse, a violência apenas deixaria de ser concentrada para ser mais difusa, mas não desapareceria por isso.

O rosto violento do Estado aparece claramente na instituição do exército. Para Tolstoi, o exército, mais que para a defesa externa, existe para subjugar o povo em benefício de uma minoria. É o sustentáculo da tirania./Sua função extrema é matar. Ora, isso é sempre um crime — coisa proscria terminantemente no V mandamento. Para nosso profeta, a vida é um valor absoluto. Não existem mortes legítimas. Por isso, mandando matar, o exercito transiormao soldado num carrasco. Tal é o que pensa o grande escritor.

A consequência é que para Tolstoi o serviço militar deve ser condenado sem remissão. Trata-se para Tolstoi nada menos do que uma preparação ou exercício para o assassinato. Mais: a seu ver, o serviço militar obrigatório é o modo pérfido que temo Estado de armar o irmão contra o irja|o, de pôr o povo contra o povo, ou seja: é uma

forma especiosa de autotirania.

Tolstoi foi um antimilitarista absoluto. Junto com o serviço militar, recusa qualquer legitimação à guerra. Se a cultura moderna a legitima por vários títulos (cap. VI) é porque é fútil e destituída de vigor ético. Pressentiu para onde poderia levar a mentalidade belicista das potências européias no fim do século passado. Chegou a prever profeticamente (pelo fim dos cap. X e XII) o horror de um conflito mundial, que efetivamente irrompeu com a primeira Grande Guerra.

Por tudo isso, Tolstoi propõe que se recuse decididamente a fazer qualquer coisa que contribua de alguma forma para a perpetuação do sistema governativo e seus tentáculos: o exercício da política, o serviço militar, o pagamento dos impostos, o uso dos serviços da justiça e assim por diante. O homem livre e justo há de viver ignorando o governo./Não combatê-lo de frente, mas no princípio interno que o sustenta: o reconhecimento, a obediência. Nisso Tolstoi se aproxima claramente de H. Thoreau (11862) e sua "desobediência civil".

Uma outra instituição estatal que recebe o rechaço resolutivo de Tolstoi é o sistema judiciário. Este também é o suporte — agora legitimador — da violência do Estado (cap. X). Ademais, os tribunais exigem o juramento. Ora, Cristo proíbe o juramento do modo mais formal: "Não jureis de modo algum" (Mt 5,34). Também nesse campo é impossível moralmente colaborar com o sistema judiciário existente para não favorecer a ordem violenta de que é o garante legal.

Mas seria Tolstoi por tudo isso um anarquista? Ele confessa: "Não sou anarquista, mas cristão." Contra os anarquistas e suas bombas e dinamites, defende intransigentemente a não-violência. Acrescenta que os profetas da não-violência são muito mais perigosos para o Estado do que quaisquer pretensos revolucionários, sejam socialistas, comunistas ou anarquistas. Pois o Estado sabe muito bem tratar com estes, que jogam pelas mesmas regras, mas já não sabe como se haver com os adeptos da não-violência, que se situam num campo onde o Estado já está de antemão derrotado (cap. IX).

A esta visão política, ou melhor, antipolítica do profeta pode-se perguntar antes de tudo se é realista, se não é meramente utópica. Certo, Tolstoi sabe que existem conflitos na sociedade e que é preciso manter certa ordem social. Mas acha que para isso não se precisa de um Estado, mas de uma sociedade civil madura. Acredita na força da consciência moral coletiva, que chama de "opinião pública".

Mesmo assim, pode-se perguntar se é possível algum dia na sociedade prescindir de um órgão central de coordenação e direção. Para as nossas sociedades complexas de hoje isso parece muito difícil, senão impossível. Como podem funcionar corretamente sem um governo qualquer?

Todavia, da provocação profética de Tolstoi pode-se extrair seu núcleo positivo. Não nos indica a direção em que se há de levar a constituição de um Estado diferente, cada vez mais aliviado das funções de força e cada vez mais reduzido a funções simplesmente administrativas? Não se trata efetivamente de o Estado se ocupar cada vez mais da "administração das coisas" e cada vez menos do "governo dos homens"? E mesmo que a função "política" do Estado seja finalmente irreduzível (e nisso talvez Tolstoi se equivoque), não deve ela idealmente se reduzir aos limites mínimos possíveis? Nessa linha, não é perfeitamente pensável e desejável a superação gradual do sistema repressivo-defensivo (exército, polícia etc.)?

Desqualificação total da igreja

Para Tolstoi, a igreja é outro sustentáculo da violência, na medida em que a mistifica, através de sua prêdica pseudo-| evangélica, e a sacraliza, com seus rituais "supersticiosos" e "idolátricos".

Por isso, a crítica tolstoiana à igreja é igualmente arrasadora (cap. III). Concerne não apenas a esta ou àquela igreja concreta, mas à idéia mesma de igreja (cap. III). Em suas palavras, "cada igreja, como igreja, sempre foi e não pode deixar de ser uma instituição não só alheia, mas até diretamente oposta à doutrina de Cristo". As igrejas não seriam apenas infiéis a Cristo, mas até hostis ao cristianismo. Seriam fundamentalmente anticristãs. E se nelas se encontram pessoas santas e boas, isso se deveria à própria virtude dessas pessoas e não à sua pertença à igreja. São João Crisóstomo, São Francisco seriam bons apesar da igreja e não por causa dela.

Para Tolstói, as igrejas são instituições intrinsecamente mentirosas. Sua função não é de revelar a doutrina de Cristo, mas antes de escondê-la, enganando as pessoas, mentindo ao povo. Todo o rico sistema simbólico da igreja: velas, cantos, bandeiras, sinos, paramentos, procissões, pinturas etc. é virulentamente atacado como um meio para "hipnotizar", impressionar e adormecer a consciência do povo. E lança às igrejas um repto final: têm que escolher entre o Sermão da Montanha e o Símbolo de Nicéia, entre o Evangelho e o Dogma.

Em outro passo (no cap. VIII), Tolstói levanta a hipótese de se a corrupção do cristianismo não foi necessária para sua difusão num mundo ainda pouco desenvolvido, do ponto de vista moral. Está por outro lado convencido de que hoje chegou a hora de entender e assimilar o cristianismo em sua forma pura, porque até hoje os cristãos não teriam compreendido sua verdadeira essência.

À parte sua presunção inegável, Tolstói nos parece aqui, mais ainda que para o Estado, excessivamente enfático e pouco convincente. Produz mais denúncias proféticas que análises argumentadas. Ademais, sua tese nem sempre é coerente. Pois se a igreja como tal é anticristã, não há por que escolher entre o Evangelho e Nicéia; o certo seria desaparecer. Igualmente, liquidar, em nome do povo, com todo o sistema cristão de representação, que o mesmo povo tanto preza e donde tira tanta força, não é contraditório? Que esse sistema tenha servido para alienar o povo, não lhe altera por isso a natureza.

Seja como for, a radical profecia antieclesiástica de Tolstói pode e deve ser ouvida. Seu extremismo tem uma função singularmente catártica para as igrejas. É um apelo à conversão e à fidelidade às mais altas exigências do Evangelho. Na verdade, a nenhuma instituição se aplica melhor o adágio: *corruptio optimipessima* (a corrupção do ótimo é péssima). Mas é preciso reconhecer que nas últimas décadas as igrejas em geral retomaram o papel dos profetas bíblicos face aos reis. E no que toca particularmente ao militarismo, estão redescobrin-do sua primitiva opção pela não-violência radical, vigente nos primeiros séculos, pleiteando pela proscrição total da guerra e de toda solução de força na resolução dos conflitos.

Atualidade de Tolstói

A força deste livro consiste precisamente em articular profecia e transformação social. Toca justamente no fulcro da questão que agita hoje a Teologia da Libertação e os cristãos em geral: a relação fé e política. Mas Tolstói o faz de um modo todo original.

Em primeiro lugar, com relação à fé, postula uma volta decidida às fontes do cristianismo, para aquém de todas as tradições eclesiais. Nisso ele é literalmente radical: quer ir à raiz da proposta cristã. Sua relação é diretamente com o Evangelho.

Para Tolstói, a religião cristã se entende essencialmente como profecia (cap. V). Não no sentido de prever o futuro, mas de antecipá-lo. O profeta é o que antevê em que direção vai o curso das coisas. Nisso se antecipa às maiorias. Essas, em virtude mesmo da profecia, acabam vendo o que ele já via. É sempre um precursor, um ser inaugural. Por isso mesmo só pode ser compreendido depois. Seu êxito só pode ser póstumo. Por isso, para Tolstói, a religião, porque profecia, é sempre exigência infinita, chamado para frente, busca do sempre mais, antecipação do que virá.

Em termos de evolução histórica, o cristianismo não está atrás, mas à frente. Contudo, a história não está aí para provar que o cristianismo faliu? Ao contrário, responde o profeta, o cristianismo não só não faliu, como ainda não foi inteiramente experimentado. Na verdade, ainda não amadureceu em todas as suas virtualidades (cap. VIII)./Por isso mesmo Tolstói ataca a intelectualidade moderna por pretender julgar o cristianismo a partir de um "conceito pagão de vida". Ora, isso é julgar o superior a partir do inferior; é "julgar o campanário, olhando para o alicerce", segundo suas próprias palavras.

Para Tolstói, o cristianismo não é uma doutrina abstrata (para se saber), mas uma proposta prática (para se viver). Paraphraseando uma célebre tese de Marx, a fé não pode se contentar em interpretar o mundo, mas deve, isto sim, mudá-lo (cap. V). Daí o subtítulo original ao livro em estudo: "O cristianismo apresentado não como uma doutrina mística, mas como uma moral nova."

Por isso mesmo, para nosso autor, a mensagem evangélica não é coisa de

igreja, mas coisa comum de todos. É patrimônio da humanidade, que, na verdade e em seu prejuízo, dele faz pouco caso. Não se trata, pois, de uma moral meramente corporativa, mas realmente universal, pois que foi anunciada no mundo e para o mundo. Por isso também ela não se dirige somente ao indivíduo, mas a toda a sociedade. Isso vale inclusive no que tange às supremas exigências do Sermão da Montanha, à condição, porém, de não transformá-las numa nova jurisprudência, mas também de não reduzi-las a simples figuras de linguagem (cap. II)./Nesse sentido, o pensamento tolstoiano contribuiu para destruir o monopólio eclesiástico ou clerical do Evangelho, a fim de colocar este livro de vida nas mãos de todos e assim universalizá-lo.

Do ponto de vista teológico, pode-se levantar a pergunta: Será que a concepção tolstoiana da fé não sofreu aí um processo de desescatologização radical, ficando assim reduzida à ética? Certamente o Reino está "em nós", mas não está também para além de nós? E não é nessa última dimensão que está o segredo da força ético-profética do cristianismo, impedindo-o de cair no simples moralismo?

Agora, do ponto de vista especificamente político, a palavra de Tolstoi não é menos instrutiva. É preciso dizer que frente à sociedade ele se situa numa perspectiva assumidamente socialista. Em seu ensaio "Ao povo trabalhador" (1902) defendeu a propriedade comum da terra. E escreveu um trabalho, infelizmente inacabado, precisamente "Sobre o socialismo" (1910).

Contudo sua concepção de socialismo era muito mais revolucionária que a de tantos autoproclamados revolucionários de ontem e de hoje. Em primeiro lugar, Tolstoi acha decisivas as questões ético-religiosas, de que é prova o próprio livro em análise. Acusa os revolucionários de só se preocuparem com as condições externas ("objetivas"), esquecendo que são eles mesmo que devem começar a mudar de vida. Devem começar por vencer a contradição em que vivem, a qual lhe permite gozar dos benefícios do sistema, ao mesmo tempo em que nutrem o desejo de derrubá-lo. E isso vale naturalmente também e sobretudo para os liberais. É dizer que Tolstoi se preocupava sobretudo com as "condições subjetivas" da revolução. Por falta dessas condições, previu aquilo que se tornou fenômeno no socialismo comunista: um grau de repressão muito maior que a anterior. Também nesse sentido ele foi profeta.

Em seguida, deu muita importância às questões culturais.

Para Tolstoi, a revolução começava nas consciências. Ela constituía antes de tudo um imperativo ético de justiça e, mais radicalmente ainda, de verdade. Sabemos de sua imensa atividade no campo da promoção da educação popular. Para difusão de edições populares, chegou a fundar uma casa editora "O Mediador" (1884). Sua orientação educativa era claramente antiautoritária. Consiste para ele em desenvolver a liberdade das pessoas, despertá-las da "hipnotização" governamental e social. Trata-se, enfim, na linguagem de hoje, de dar-lhes condições de se desalienarem e, em positivo, de se conscientizarem. Nesse campo sua atividade literária foi vastíssima. Escreveu desde catecismos, comentários ao Evangelho, até tratados pedagógicos, como *Sobre a instrução popular*, *Os jovens do campo devem aprender de nós a escrever ou nós deles?* (título já de *per si* extremamente significativo), *A escola de Iasnaia Poliana...* e outros mais. Vê-se de imediato como em tudo isso Tolstoi mostrou-se um precursor de P. Freire e sua "pedagogia do oprimido", e também de I. Illich, na medida em que questionou a validade do sistema oficial de ensino, reputando-o um meio de submetimento das consciências ao sistema vigente.

Por fim, Tolstoi apresenta um lado surpreendentemente "ecologista". Pronunciou-se contra o progresso técnico indiscriminado, fez o elogio do amor à terra e da vida ligada à natureza, propôs o vegetarianismo, fez oposição à caça de animais, enfim, considerava que todo ser vivo tem direito a viver.

Tolstoi profeta: convertei-vos!

O que propõe finalmente o autor de *O Reino de Deus Está em Vós?* Nenhum sistema social muito definido. Como profeta que é, ele simplesmente grita: "Convertei-vos, senão todos perecereis!" (Lc 13,3 e 5). Tolstoi pede a mudança de vida de cada um. A revolução não é para depois, é para já. Arranca da vida de cada um. A "saída" que indica o profeta é, pois, a entrada no Reino que vem chegando. Ora, no portão de

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

